

Ninguém, além da pele esfolada.

Tiago Mesquita

Não há ninguém no palco. As pessoas não perambulam por lá, não se tocam, nem travam as mandíbulas, rangem os dentes ou salivam. Nada ou ninguém se cansa, sua ou sangra. Há imagens de vídeo de cabeças de atores que repetem algumas frases. Recortadas, elas são projetadas em manequins, que as recebem como se elas fossem uma máscara. Essas máscaras luminosas reclamam de cansaço, lamentam, acusam arrepios, coceira, espirram e arrotam. Alguns, mais curiosos, procuram os seus olhos, fazem piadas macabras por serem projetadas sobre um boneco sem braço. O tempo todo os personagens parecem falar sobre um corpo que não conseguimos ver. Depois de outra frase, o vídeo esmaecido passa a ser projetado em outro boneco, ou em lugar nenhum. Restando dele só a voz. Os sons e imagens emitidos parecem espectros de algo que não está mais a vista.

Mesmo porque, não há corpo no espetáculo *cabeça oca espuma de boneca*. A peça acontece na interação entre os cacarecos de uma assembleia de despojos industriais e comerciais. São carrinhos, roldanas, manequins de loja, materiais sintéticos, espuma química, antigas imagens de Arnold Schwarzenegger, cordas, simulacros de pele e mãos. As mesmas caras dos bonecos são animadas por cabos, semicondutores, fios, luz, traquitanas, vídeos e sons.

Os objetos não são cenografia, são esculturas que Ilê Sartuzi fez por um tempo, até 2019. As esculturas que o artista faz, independentemente do conjunto aqui apresentado, são articulações pouco ortodoxas entre elementos que imitam partes do

corpo. Em trabalhos que não estão mostrados aqui, ele compõe uma mão, por exemplo, com dedos que podem ter dimensões diferentes, cores discrepantes, mecanismos aparentes. Uma montagem de unidade inquietante, mas bem-humorada.

Os elementos com que Ilê trabalha não são mecanismos que poderiam substituir a natureza. Em um vídeo mais recente, feito depois deste espetáculo, o artista trabalha com uma estrutura digital de corpo, vazia, que parece ter perdido o seu referente. Como se sobrassem só tais sucedâneos, *cabeça oca espuma de boneca* traz a impressão de que não sobrou nenhuma forma viva, apenas dejetos do que foi a vida moderna.

A ação cênica parece também ser feita desses fragmentos soltos. Sejam em razão dos volumes tridimensionais montados ou desmontados, seja no texto elíptico, sejam os sons emitidos ora por um manequim, ora por uma caixa de som. Os materiais visuais ou escritos não têm relação necessária. São elementos que variam, como se pudessem ser atribuídos a qualquer um. As frases pronunciadas durante o espetáculo são sequenciadas, alternadas, embaralhadas e rearranjadas. Como o artista já comentou, são cacoetes processados e sampleados, apresentados em uma ordem, depois em outra.

Aliás, até quando parece haver diálogo no espetáculo, não podemos afirmar isso com toda certeza. Os bonecos não chegam a se encarar. São apresentados como se não olhassem em direção a lugar nenhum. São apresentados como se estivessem absortos, enquanto repetem suas sentenças, mudando o estado de ânimo. Tal vez por isso, não sabemos se eles respondem a algo ou falam sozinhos.

Por isso, tenho a impressão de que, tal como os apêndices corpóreos, as falas também são postizas —e peço desculpas pela insistência. São ditos simples, que parecem prender os personagens em um agoniado looping de lugares comuns. Talvez eles só conheçam esse pequeno repertório mesmo. São cinco frases, quinze palavras e pronto, acabou, é o que tem. Não é por outra razão, que, seguidamente, os personagens, meio desesperados, meio fazendo graça, pedem: “Pare de colocar palavras em minha boca!”.

Embora *cabeça oca espuma de boneca* manipule um universo dos autômatos, o imaginário de Ilê Sartuzi me parece bastante diferente do tema dos robôs e andróides que alimentaram a imaginação do mundo resultante da revolução industrial.

Desde o século XIX, as fantasias em torno de tais máquinas foram, entre outras coisas, uma metáfora para a superexploração do trabalho industrial, um símbolo tecnicista das mudanças causadas pelas inovações técnicas e científicas. De todo modo, esses engenhos indicavam um mundo transformado, maravilhoso e assustador que apontaria para um futuro próximo.

Esse imaginário da modernização estava ligado a ambíguas promessas prometeicas de transformação de tudo pela humanidade e pela técnica. A vida seria outra. As máquinas trariam comodidade e aliviariam as nossas dificuldades, como, de fato, elas fizeram. Mesmo quando a cibernética era mostrada como a figuração da distopia, ela ainda estava ligada ao potencial dos novos engenhos. De tal modo avançados, que poderiam eliminar as pessoas e tomar o lugar delas.

O clima cultural da peça é outro. O espetáculo foi pensado depois da produção industrial estar largamente automatizada. Boa parte de nossas experiências são mediadas por aparelhos eletrônicos conectados a vias de comunicação de altíssima velocidade. Além de familiares, as máquinas são constitutivas da sociabilidade de agora, em diferentes lugares do mundo. Evidentemente, isso não significou a diminuição da superexploração do trabalho e nem uma distribuição mais justa das riquezas. Convivemos exclusivamente com essas extensões artificiais, altamente patenteadas, que acreditamos ser de nós mesmos.

Em *cabeça oca espuma de boneca*, os manequins solitários falam de muito o que não está lá. Contam as sensações de um corpo fantasma, ao mesmo tempo que mobilizam o repertório vocabular para contar casos de violência inominável e fazer chiste. Tudo, não obstante, é postigo, sempre postigo, repito de novo. Não há constituição de nova personalidade ou subjetividade, apenas justaposições superficiais que se desfazem com a mesma velocidade em que se constituem.

Os rostos em vídeo, fotografias, maquetes, falas repetidas, embaralhadas, seriadas, reordenadas, são todos dispositivos protéticos de convivência intersubjetiva. Os personagens parecem recorrer a tal conjunto de elementos como as pessoas, no convívio na internet, recorrem a avatares. Essas relações humanas, mediadas por próteses de identidade, que nos permitem reconstruir personas nas redes.

O uso de extensões artificiais de nós mesmos parece encontrar uma interpretação pitoresca aqui. Pois, se tomarmos o modo como a sobreposição de personagens ocorre aqui, temos a impressão de que a voz não se encaixa direito no seu avatar, de maneira semelhante de uma camisa que não veste direito. Assim, a atribuição de uma máscara ou voz a um manequim parece troncha, mal-acabada, engraçada, bizarra. De fato, é como pode se dar parte das relações entre as pessoas, nessas máquinas publicitárias gigantescas, de empresas multimilionárias, por vezes maiores que estados nacionais, que são as redes sociais: como um encontro infinito de pessoas em monólogo, tentando despistar a solidão coletiva.

Uma conversa amorosa desencontrada, e muito engraçada, que acontece no espetáculo é a tradução mais perfeita dessas relações esquisitas. Feita a partir de um algoritmo que gera pergunta e resposta, o diálogo vai da falta absoluta de intimidade ao casamento, indicando, inclusive, um caminho normativo de sociabilidade apaziguada. É como se dois monólogos entrecortados formassem uma conversa. Enquanto isso, peles de látex, descoladas do corpo, são arrastadas por um sistema de roldanas que poderia estar a disparar todos os acontecimentos no teatro. O esfolamento acontece ao nosso lado, o tempo todo, mas ninguém se dá conta.